

## O significado da palavra água no Evangelho de João

The meaning of the word water in the Gospel of John

João Ricardo Ribeiro\*  
Jrickardo@hotmail.com

### Resumo:

Este trabalho objetiva trazer à tona um novo entendimento da palavra “água” no evangelho de João. Para tal fim serão usadas técnicas exegéticas, críticas históricas e literárias da Bíblia nos capítulos 2, 3 e 4 do Evangelho de João; usando-se de paralelos com Oséias, 2Reis 17 e a carta de Paulo 1Co 15; Por fim, será visto como o povo judeu-helenista se utilizava do elemento água em seu significado, modo bem diferente às formas representativas que chegaram a nós ocidentais. Algumas teorias de Freud e Jung serão visualizadas a fim de entenderem-se, hoje, a existência de tal prática de época, o que nos indicará mais uma possibilidade de melhoras instrumentais da condição humana também na atualidade.

**Palavras-chaves:** Água; Símbolo desvelado; Aplicabilidade.

### Abstract

This paper aims to bring out a new understanding of the word "water" in the Gospel of John. It will be used, for this purpose, exegetical techniques, historical and literary criticism of the Bible in chapters 2, 3 and 4 of the Gospel of John, in parallel with Hosea, 2 Kings 17 and the letter of Paul 1 Cor 15; Finally, it will be seen how the Hellenistic-Jewish people used the water element in its meaning, in a very different way from the representative forms that came to us Westerners. Some theories of Freud and Jung are displayed in order to understand nowadays, the existence of such a practice from that period, which also indicates the possibility of a further instrumental improvement of the human condition today.

**Keywords:** Water; Symbol unveiled; Applicability.

### O contexto do uso da palavra água no Evangelho de João 2-4

O uso da palavra água ocupa um lugar privilegiado em João 2-4, uma seção do Evangelho que apresenta uma progressão da idéia sobre o símbolo da água. A idéia começa em João 2 e tem o seu clímax em João 4 com o encontro entre Jesus e a mulher samaritana; a chegada à Galiléia e a Caná (João 4:45-46a) encerra o itinerário iniciado

---

\* Bacharel em Teologia e Pós-graduado em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Unida de Vitória.

por Jesus em João 2:1. Dessa forma, a idéia completa está, certamente, no final desta montagem histórica em (João 4).<sup>1</sup>

### **O casamento em Caná da Galiléia (João 2)**

No primeiro momento do aparecimento da palavra água nessa seção, Jesus é convidado para um casamento (João 2:1-11). O escritor deste evangelho importa-se com a cronologia dos dias contados a partir do início de sua história do capítulo um. O evento aconteceu em Caná no sexto dia, com indicativo de um paralelismo com Gênesis, que relata a criação de Deus de todas as suas obras; também remete ao paralelismo com o dia da morte de Jesus (João 19:31). Mas a completude nos homens, em Cristo, se daria no sétimo dia, indicado pela suas obras que posteriormente ao capítulo 4 de João, em que começa curar as pessoas.<sup>2</sup>

Com estas alusões, Jesus está indicando como esta completude deve processar-se; o “homem que alcança a completude é aquele que está apto a ajudar outras pessoas; e seguirá com as mesmas indicações, no capítulo 3 e capítulo 4 de João, em escala progressiva de entendimento. O que é feito no matrimônio (João 2) , deve ser reconhecido e voltar a ser feito pelos homens do templo (João 3), mas com a correção que Jesus faz aos povos “pagãos” (João 4).

A água transformada em vinho deve acontecer nas núpcias – no matrimônio sagrado; aqui o simbolismo não estaria nos noivos, mas nos elementos usados na perícopes.

C. H. Dodd oferece elementos importantes para esta análise. Um casamento ganha grande importância, seja em aplicação nas parábolas sinóticas, seja no apocalipse como a bodas do cordeiro (Apocalipse 19:7-9); e este simbolismo se desenvolve na história tanto dos judeus como no cristianismo primitivo. Mas estes passam a associar outros elementos como o do pão, transferindo assim o simbolismo do casamento para junto da eucaristia da igreja, que, ao invés de desvelar, cria outros símbolos. A igreja primitiva ainda vai se apropriando dos elementos de cenas diferentes ocorridas nos Evangelhos e unido-as como, por exemplo, a cena do milagre de Caná com a

<sup>1</sup> DODD, Charles Harold. *A Interpretação do quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977, p.419.

<sup>2</sup> MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1999, p. 129, 130 e 133.

multiplicação dos pães, como alusão ao Pão e ao Vinho da Eucaristia; Estas associações dificilmente passariam pela mente dum leitor não cristão – para um dos quais também foi escrito tal evangelho<sup>3</sup>; e esta alusão em nenhum momento é feita explicitamente. Na tradição que foi preservada nos Evangelhos Sinóticos, o “novo vinho” aparece como superioridade da doutrina de Jesus sobre as instituições existentes; este indicativo também é moldado em cima da imagem do remendo novo um pano velho. Em tudo isso se pode encontrar indicativos que validam o contexto de pensamento e imaginação na mente do autor do Evangelho de João, dentro do qual a presente passagem pode ter se formado; mas num aspecto histórico não fornece uma pista segura que o leitor contemporâneo poderia perceber.<sup>4</sup>

Neste momento de construção do trabalho, Fílon oferece o melhor comentário, sob as colocações de C.H. Dodd, que traz suas variadas referências, que empregam elementos associativos mais frequentemente usados e mais próprios da construção literária de João; faz-se referência ao:

[...] trecho em que fala de Melquisedec, que “trouxe pão e vinho” para Abraão (Gêneses 14,18). Ele recorda que os amonitas e moabitas grosseiramente recusaram pão e água a Israel no deserto; “mas Melquisedec — continua — trará vinho em vez de água e dará às nossas almas uma bebida pura, a fim de que possam ficar possuídas daquela intoxicação divina que é mais sóbria que a própria sobriedade; pois ele é o sacerdote-logos, e tem como sua herança o Auto-existente” [...]. Não beberia água de cisterna (lakkos), aquele a quem Deus concedeu puros tragos de vinho (methysma), às vezes através do ministério de algum mensageiro (ou anjo), que ele nomeou escanção (oinoxoein), e às vezes por sua própria mão, sem qualquer intermediário entre o Doador e o recipiente”. Em Leg. Ali. 1,84 methyei ten nephousan meiben diz-se do homem que louva a Deus como ele deve ser louvado, “quando a mente sai de si mesma e oferece-se a Deus”. [...] o escanção retira da taça divina que o próprio Deus encheira de virtudes até às bordas (epi xeile, cf. eos ano, Jo 2:7). Além disso, em De Fuga 166, o automathes kai autodidaktos sophos não alcançou o progresso pelos estudos, exercícios e trabalhos, mas de uma vez no seu nascimento achou a sabedoria consumada que caía do alto céu como chuva, e bebendo em sua pura corrente banquetear-se e permaneceu ébrio daquela sóbria intoxicação que acompanha a retidão do juízo (met’ artbote, os logou).<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Percebe-se o direcionamento do evangelho de João aos pagãos na obra de DODD, 1977, p. 21, 78 e 134, que vê os escritos joaninos com base judia, mas desenvolvido com muitos elementos que permeiam literaturas de Filon, dos “Herméticas”, e dos gnósticos, e pelo modo cuidadoso que foram usados todos estes elementos literários.

<sup>4</sup> DODD, 1977, p.395-397.

<sup>5</sup> DODD, 1977, p.396-397.

Os noivos bebendo do amor inebriante nunca devem derramar da água do vaso (Levítico15:18), e sim deixá-los cheios até em cima; Assim o logos, neles, transformará suas águas em vinho e eles se inebriarão “daquela sóbria intoxicação que acompanha a mais perfeita retidão do juízo”. Desta forma o amor entre o casal e neles se retroalimentará e crescerá, e nada mais poderá apagá-lo.

Aqui há a associação da água ao momento amoroso do casal, no entanto não a define, o que será feito na análise do próximo capítulo do Evangelho de João, e que veremos a correlação clara ao tema da sublimação.

### **O Encontro com Nicodemos (João 3)**

C.H. Dodd segue numa abordagem de: quando o evangelista João no capítulo 3 fala do nascimento “do Espírito”, um leitor helenista poderia substituí-lo por “mente”. “Mas a expressão que de fato ele usa ‘da água e do Espírito’”. Aqui poder-se-ia cair em questões teológicas complexas, o que não é a intenção, mas sim analisar os aspectos que tornam mais palpáveis as significações. Pois o próprio João 3:12 parece deixar claro que o diálogo foi sobre coisas da terra e não do céu. Sendo assim, ficaria uma indagação: o que na terra poder-se-ia associar ao Espírito e à água? Então, ficamos a partir de agora, cientes de que, quando se fala de nascer do espírito, também pode estar se referindo a elevação da mente.<sup>6</sup>

Falta-nos agora a significação da palavra “água”, que em seguimento iremos desvelando.

O leitor cristão atento faria tal associação ao Batismo, através do qual o Espírito é dado aos crentes, que o inicia na nova vida tomada como Reino de Deus, historicamente encarnado na Igreja. Mas este símbolo da água há que significar algo mais do que o simples banho físico e exercícios mentais para uma retidão moral. Para o cristão da época “o elemento desconhecido no aforismo de João 3:5 seria a descrição da iniciação cristã como renascimento: o papel da água e do Espírito na iniciação seria bem conhecido”. Mas mesmo um observador inteligente, que não tivesse sido instruído e não

---

<sup>6</sup> DODD, 1977, p.410.

tivesse recebido a chave para estes mistérios, poderia não conseguir fazer esta associação de água e Espírito como fonte da “vida eterna”.<sup>7</sup>

A “verdade é que a água é um símbolo muito difundido da vida e que os ritos, de várias espécies, que incluem água, destinados a promover a vitalidade ou a restaurá-la após a interrupção, não eram raros no mundo antigo”. Este simbolismo será explorado, na análise seguinte de João 4, na intenção de ir mais longe no caminho da explicação da expressão “nascer da água e do Espírito”. As reservas com que as escritas sobre os sacramentos são usadas parece querer preservar um público pagão o qual se queria prepará-lo gradativamente à fé cristã e para isso apresenta tal batismo na forma alusiva.<sup>8</sup>

Neste segundo momento de análise do aparecimento da palavra água em João capítulo 3, Jesus ao responder a Nicodemus, afirma: “Na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus.” João 3 nos fornece mais elementos para trabalharmos o próprio texto, o que nos favorecerá esclarecê-los um pouco mais do que o feito na análise de João 2. Na visão de um dos públicos alvo deste Evangelho, o símbolo do “nascer de novo” está muito claro, nascer para o alto, o “homem” precisava refazer-se, primar pela sua própria construção psíquica; diferentemente para o judeu, assim como Nicodemos, que provavelmente não estava acostumado com esta simbologização.

C.H.Dodd afirma que uma das prováveis influências para a construção do Evangelho de João foram as cartas de Paulo, mesmo porque estas foram escritas antes daquele. “Pode ser que a ‘Cristologia cósmica’ de Paulo, como é chamada, fosse um fato sugestivo para estimular o pensamento do Quarto Evangelista. Mas não é prudente supor que Paulo seja a única origem desta cristologia”;<sup>9</sup>

E estudando as cartas de Paulo aos 1 Coríntios 15:36-54 percebe-se esta semelhança quando comparado a João 3. O que Paulo trata como semente, João trata como água.

João 3:5 afirma: “Na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.” O “nascer da água” nos leva a

---

<sup>7</sup> DODD, 1977, p.410.

<sup>8</sup> DODD, 1977, p. 410 e 411.

<sup>9</sup> DODD, 1977, p.13.

crer que foi usado um eufemismo metonímico, provavelmente a fim de preservar o público leigo. O nascimento implica na transformação ou morte de uma semente.

E é assim que Paulo escreve em 1 Co 15:36-37: “Insensato! o que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão...”

E se compararmos com 1Co 15:50: “E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus”. Vemos que Paulo quer enfatizar a necessidade de que não é o primeiro o espiritual, senão o corpo animal e depois o espiritual, mas é certo que se usem do corpo natural para o ressurgimento do corpo espiritual. Percebe-se esta elaboração, anteriormente, em 1Co 15:42-44: “Assim, também, a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual”.

Paulo foi bem específico e direto em expressar-se sobre a semente do corpo físico animal, e isto fica claro também na diretividade de 1Co 15:38: “Mas Deus dá-lhe o corpo como quer e a cada semente, o seu próprio corpo”. Já no Evangelho de João é preciso analisar detidamente o texto a fim de se ver a mesma correspondência.

Quando fazemos o contraponto de João 3:5: “nascido da água e do Espírito”, com João 3:6: “o que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é Espírito”, fica clara a referência da água ao *sêmen* humano. A “água” faz aqui um paralelo com “carne”.

Fazendo um paralelo de João 3:5 com 1 Coríntios 15:44 entende-se que para transformar o corpo físico animal em corpo espiritual necessário é nascer da água e do Espírito, é necessário semear o corpo por um processo que será visto no item seguinte, na análise de João 4. Procedimento, tal, que Jesus tentava trazer ao entendimento de Nicodemos.

Se para o povo judeu-helenista a água poderia ser a representação do *sêmen* humano, para o judeu ortodoxo indicava a purificação. Isso não seria considerado incoerência se houvesse diálogo entre as duas abordagens. Assim a purificação seria o resultado da aplicação em que se operava com o elemento “água” em seu significado.

Com as análises textuais feitas até aqui, se fizermos uma transposição a uma linguagem psicanalítica, vê-se uma referência clara à sublimação<sup>10</sup> citada em Freud.

A partir de agora poderemos prosseguir com distinta clareza, tendo estes elementos fisiológicos humanos em correspondência aos elementos simbólicos; pois a semente do “homem” precisa ser transformada para o alto e não para uso dos prazeres da carne, mas para a transformação do espírito no Espírito.

#### O encontro com a mulher samaritana (João 4)

O terceiro momento do aparecimento da palavra água é em João, capítulo 4, que narra num cenário apropriado o encontro de Jesus com a mulher samaritana, que acontece num diálogo dramático bem produzido. O diálogo principal em João 4:7-27 é entre Jesus e uma samaritana com quem ele encontra junto ao poço de Jacó. Posteriormente aparecem os discípulos que se admiram do fato, e em seguida chegam um grupo de samaritanos que faz um comentário final. Com o uso da expressão “água viva” pela primeira vez neste capítulo 4:10, e parece estar empregada no seu sentido comum de água corrente, mas no versículo 14 passa a significar a água da “vida eterna”. Ela foi vista na história de Caná como ordem inferior da vida, que Cristo muda no vinho da vida eterna; em João 3:5 passa a ser fonte da vida superior, base para nascimento no Espírito, que posteriormente iremos aclarar todos estes símbolos<sup>11</sup>.

Pelo símbolo da água esta perícopé se prende à anterior. Representa um progresso em relação à outra pelo fato de que, enquanto em (João)3,5-8 se falava do começo da nova vida, o presente texto fala de sua continuidade,

---

<sup>10</sup> FREUD. 1974. V.14, p.111. “[...] A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da **satisfação** sexual (negrito meu); nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade[...].”

FREUD. 2002, p.93. “[...]essa nova descoberta biológica ajusta-se ao que já verificamos antes sobre o papel da glândula tireóide na sexualidade. Assim, estamos autorizados a supor que na porção intersticial das gônadas produzem-se substâncias químicas especiais que, absorvidas na corrente sanguínea, carregam de tensão sexual, determinadas partes do sistema nervoso central.”

FREUD. 1974. V.14, p.94 e 95. “Ele (o ser humano) é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal - como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive...devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie. Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituímos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais”

<sup>11</sup> DODD, 1977, p.413 e 414.

mediante a mesma concessão da “água viva”, pela qual os homens renascem para o reino do Espírito — a água que Cristo dá.<sup>12</sup>

O estado da mulher parece ser mais estimado do que o estado de Nicodemus, enquanto a mulher precisaria converter a sua “água” para “água da vida”, Nicodemus ainda precisava aceitá-la.

Sua resposta: “Senhor, dá-me desta água, para me poupar o trabalho de vir tão longe buscar água”, indica que a mulher não é capaz de ir além da significação física da palavra. Na sequência, ao reconhecer Jesus como profeta, a conversa toma outro rumo. “Retorna ao símbolo do tema da nova vida na segunda das importantes narrativas com as quais foi iniciada a primeira parte do Evangelho de João (João 2:1-4:42) - o símbolo do templo purificado (isto é, renovado, ou destruído e reedificado)”. É necessário trabalhar os traumas e as neuroses, para que as energias sejam redirecionadas. Em João 4:20,21 fica evidente a alusão aos templos judaico e samaritano, em Jerusalém e no Garizim, mesmo a palavra não tendo sido usado explicitamente.<sup>13</sup>

Mas este não é o ponto principal. Tanto o templo de Jerusalém e o do Garizim, como o judaísmo puro e tradicional, ou a versão “adulterada” oferecida pelos cultos samaritanos, todas estas formas de religião estão na esfera da “carne”. Ao contrário, Cristo inaugura o culto em pneumati, ou, em termos mais familiares aos leitores helenísticos, o culto “em verdade”. A religião ao nível dos cultos dos templos de Jerusalém e do Garizim (e todos os cultos análogos) opera com o sensível e o material. Esta é a espécie de religião que foi simbolizada pela água “da purificação dos judeus”, e pela água do poço de Jacó, bem como pelo templo que precisa ser purificado (isto é, renovado, ou destruído e reerguido). “Em Cristo, inaugura-se uma nova espécie de religião, simbolizada pelo vinho de Caná, a água viva” que ele dá e o novo templo que ele reedificará. É agora definida em termos explícitos: é o culto de Deus “em Espírito” e também em “verdade”, opera com o que é basicamente real.<sup>14</sup>

Tal culto oferecido por Jesus é correlativo do nascimento “em espírito”, que, quando praticado, a pessoa se transporta do nível da “carne” para o nível do “Espírito”. Em sua condição de regenerado, um ser que agora é “espírito”, renderá o verdadeiro culto a Deus, aquele que saiu da condição de humano natural para o humano sublimático, que é capaz de entrar no mar do “inconsciente coletivo” sem se perder.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> DODD, 1977, 414.

<sup>13</sup> DODD, 1977, 414 - 415.

<sup>14</sup> DODD, 1977, p.416.

<sup>15</sup> DODD, 1977, p.417, em sua nota explicativa comenta: A esta altura o leitor helenista entenderia que a cristianismo é *uma logike* ou *noete threskeia*, oposta aos ritos materiais do paganismo popular; e ele pode



O diálogo principal termina com Cristo dizendo que ele é o “Messias”, com a implicação de que “Messias” significa não só o mensageiro que proclama certas verdades religiosas (João 4:23), mas trás uma nova era na religião da qual se possa dizer, não apenas estabelecer a aqueles que aceitarem estes novos preceitos em “vem a hora” (João 4:21), mas que possa tornar presente este tempo em: “vem a hora e já chegou” (João 4:23), que nos introduz ao que será o tema central do diálogo que forma a conclusão de toda a cena (João 4:27-42). Em outras palavras Cristo estava falando: É chegada a hora, e é aqui e agora, o templo não está em nenhum lugar fora, está dentro de ti – o teu corpo; o espírito – a tua psique.<sup>16</sup>

Mas o diálogo não encerra nesse momento, pois no meio desta narrativa dramática, a samaritana é levada a manifestar a vida irregular que ela está levando. Sem querer descobrir exatos equivalentes alegóricos para seus cinco maridos e seu amante, não estaremos errados se reconhecermos um alusão aos cultos sincretistas populares de Samaria, que combinava a adoração do Deus de Israel com elementos pagãos, de uma forma que os profetas tinham estigmatizado como “adúltera”.<sup>17</sup>

Em João 4:16-17: “Ele lhe disse: Vai chamar o teu marido e volta aqui”. A mulher lhe respondeu: “Não tenho marido”, Barreto assinala, que a nível meramente histórico, não ser compreensível a mudança brusca da temática anterior, da temática da água/Espírito à dos maridos. Nesta passagem, Jesus não está querendo simplesmente demonstrar suas capacidades sobrenaturais, nem desqualificar a mulher aplicando-lhe preceitos morais; o tema é bruscamente cortado (4:18-19), sem que Jesus volte a ele. O propósito desta mudança ganha sentido contra o fundo profético, em particular do profeta Oséias<sup>18</sup>.

O profeta fala da prostituta (Oséias 1:2) e da adúltera, símbolos do reino de Israel, cuja capital era Samaria. Sua prostituição e adultério consistiam em ter saído da presença do verdadeiro Deus. Pode-se verificar as práticas idólatras dos samaritanos no livro de 2 Reis 17:24-41, onde se mencionam cinco ermidas de deuses; fazia-se culto a Javé e serviam a outros deuses. “A estas cifras aludem às palavras de Jesus. Assim, ganha sentido a passagem ao tema matrimonial. Samaria está insatisfeita, não encontra

---

estar bem aberto a semelhante mensagem. Quão diferente afinal, seja o cristianismo joanino de qualquer mera “espiritualização” da religião, ele ainda deve aguardar para perceber. É possível que ele tenha sentido a alusão de que o novo templo para o culto espiritual é apesar de tudo um soma (2:21).

<sup>16</sup> DOOD, 1977, p.417.

<sup>17</sup> DOOD, 1977, p.415.

<sup>18</sup> BARRETO, 1999, p.225.

solução no passado e vê horizonte novo na oferta de Jesus”. Mas é necessário reconhecer o estado em que se encontra para que seja possível dele desligar-se; o desligamento não pode ser genérico, precisa-se decidir não voltar mais ao poço de Jacó, sair da velha cultura para a nova que Ele oferecia; tem que corresponder à situação concreta, indagar mais profundamente para se descobrir qual seja sua verdadeira sede: “Vai chamar o teu marido e volta aqui”.<sup>19</sup>

Até aqui há concordância com a análise de Barreto. O que dele é indicado no parágrafo seguinte, dentro uma das visões proposta do trabalho, não se sustém, pois quando Jesus fala: “vá, chama o seu marido” pode ser conotação religiosa, mas não nos moldes que é colocado. Não é o marido que provoca a reprovação de Jesus, mas o fato de a mulher ter cinco maridos. Segue o que Barreto analisa, para dele ser absolvido a relação que é feito de João 4 com Oséias:

No plano em que se move a narração, o marido (recorde-se a palavra “Baal” = marido/senhor) tem conotação religiosa; representa a busca de seguranças opostas ao desígnio de Deus, toda aliança contrária à sua, a pretensão engano de encontrar solução fora dele. Samaria atraçoara a Deus, o esposo do povo, buscando outros apoios (Oséias 2,7: “Sim, sua mãe prostituiu-se, cobriu-se de vergonha aquela que os concebeu, quando dizia: Quero correr atrás de meus amantes, daqueles que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e a minha bebida”; (Oséias) 9,1: “Não te alegres, Israel [...].”<sup>20</sup>

Existe um simbolismo entre os cinco maridos da samaritana com relação às práticas heréticas das prostitutas do templo. Se na citação anterior Barreto estivesse referindo-se aos cinco maridos, ou a um marido que aceitasse um estado de prostituição da mulher, seria válido seu enfoque; mas o único marido, que ela não tem, se for considerado a literalidade, pode está indicando a construção social necessária para que seja possível a entrega das dádivas que Jesus oferecia.

Jesus queria dar da “água da vida” à mulher, mas para isso ela teria que ter um único marido; nessa impossibilidade, a história segue, e sua atenção volta-se novamente para Jesus, e se desenrola em nova escala progressiva onde alcança um novo clímax com a sua morte e ressurreição, que também indica a semente<sup>21</sup> que precisa morrer para

---

<sup>19</sup> BARRETO, 1999, p.225 e 226.

<sup>20</sup> BARRETO, 1999, p.226.

<sup>21</sup> Segundo DODD, 1977, p.491: “A metáfora da semente e da colheita é bem firme na tradição sinótica dos ditos de Jesus, e tem antecedentes no Antigo Testamento. Mas o leitor helenista [ ] a quem foi um dos alvos do Evangelho de João [ ] estaria ciente da doutrina, tão divulgada, de uma semente divina no homem, derivada de “ta não” e destinada a regressar à sua fonte. Esta doutrina era também apresentada

que a planta nasça. Na expressão “morte” pode estar encerrada a necessidade do cancelamento das catexias libidinais indevidas.<sup>22</sup>

Faz-se necessário voltar à atenção à mulher samaritana (citada no Evangelho de João 4) e se explorar seu aspecto histórico, pois nela existe um simbolismo implícito pouco explorado.

A indicação de Jesus é para aquelas pessoas que sabem o que fazer, mas que perverteram tais práticas, ampliando-as às orgias nos templos. A mulher tinha cinco maridos ao invés de um. Cristo não reclamava o abandono da prática do matrimônio em si, mas o abolir dos elementos estranhos que a ela foram inseridos. Parece que Jesus, assim como Oséias, está querendo dignificar as práticas do templo, cancelando os excessos que profanaram as práticas, quando passaram a ser feitas não mais com um único marido, como propõe Jesus no versículo quando fala “vá, chama o seu marido”. O abandono de tais práticas pelos judeus está, pois, implícito em João 3 na figura de Nicodemos, que não reconhece a necessidade “nascer da água e do Espírito” – não renunciou aos prazeres primários do corpo para que o sistema central fosse regado com o efeito químico daquela intoxicação natural.

Para tentar responder à inquietude de saber sobre a prostituição sagrada Nancy Cardoso traz pontos relevantes sobre o assunto:

[...] o que a prostituta sagrada oferecia era o reacender da centelha divina da vida [...] O intercuro sexual com ela consistia na regeneração através do mistério do sexo, que se equiparava ao mistério dos ensinamentos religiosos. A carne e o espírito uniam-se, sustentando-se um ao outro.<sup>23</sup>

---

mito da descida do *anthropos* divino. A semente divina, ou a humanidade celeste, era imaginada como preservada intacta dentro de seu receptáculo de madeira que a encerrava, e como libertada pela iluminação, ou *gnosis*, para subir de novo para Deus. João fez a observação profunda de que a desintegração da semente, como entidade separada, é essencial para ela frutificar. Assim *também* o Homem Celeste, que é a Semente, deve *morrer* a fim de que as *spermata tou theou* possam ser reunidas (*syllagei*) e encontrem *uma* passagem (*diodos*) para o Pleroma: em Linguagem joanina, o Filho do Homem deve morrer, a fim de que os filhos de Deus dispersos possam ser reunidos, e todos os homens e congreguem na unidade da vida divina”.

JUNG. 2002, v.14, p.53. Em linguagem Junguiana: na presença do “não eu” a consciência pode expandir-se e possibilitar a transferência da energia para uma finalidade altruísta.

<sup>22</sup> DODD, 1977, p.415.

<sup>23</sup> QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta Sagrada*. 6. ed. São Paulo: Paulus. 2010. p.50.

A devoção à deusa do amor – a prostituição sagrada – era realizada no ritual do matrimônio sagrado, onde feminino e masculino se uniam sem sentimento de domínio ou superioridade de um sobre o outro, era a união da espiritualidade e da sexualidade.<sup>24</sup>

Todas as deusas que representam o amor e a paixão, praticamente, possuíam um “filho-amante”, que devia ser sacrificado. O arquétipo<sup>25</sup> desta deusa, a prostituta sagrada, que devido ao modo de operação da prática, fica impossibilitada de ter filhos, investe todo este sentimento no homem. Toda mulher que quiser ter êxito nestes mistérios deve sacrificar e abandonar esse aspecto do maternal, que devido à insegurança procura transferir seu apego ao “filho adotivo” – o amante, e quer viver as realizações dele como se fossem suas.<sup>26</sup>

“A prostituta sagrada é a mulher humana que através de ritual formal ou de desenvolvimento psicológico, conseguiu conscientemente conhecer o lado espiritual do seu erotismo, e vive-o na prática, de acordo com suas circunstâncias individuais” [...].<sup>27</sup>

O que, então, seria o tal matrimônio Sagrado falado nas linhas anteriores? Como uma mulher que fica a serviços sexuais de um templo, onde diferentes sacerdotes usam de seus serviços, pode ser considerada, na época, sagrada? Acho que, de certa forma, estas perguntas já foram respondidas: A semente no homem, representado pela água, deveria ser transformada, não externa, mas internamente a ele, através dum processo milagroso que, imagina-se acontecer através do próprio ato de amor entre o homem e a mulher em adoração a Deus. Desta forma não há emissão seminal, para que tal semente possa subir ao “pleroma” – o sêmem é reabsorvido<sup>28</sup> pelo organismo nas glândulas

---

<sup>24</sup> QUALLS-CORBETT, 2010, p.101-102.

<sup>25</sup> JUNG. 2002, p.57 e 58.

SANFORD, John A. *Destino, Amor e Êxtase: A Sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus, 1999, p.10.

Segundo Jung, arquétipo diz respeito à linguagem figurada que se usa de elementos fisicamente conhecidos para representarem condições psíquicas do ser humano; e por este motivo torna-se uma linguagem universalmente conhecida, que mudam seus elementos representativos, dependendo da época e da região em que surgem. O comum do aparecimento destas linguagens arquetípicas é nas figuras oníricas, que devido suas correspondências às pessoas de diferentes locais e épocas, Jung as colocou como fazendo parte dum “inconsciente coletivo”.

JUNG. 1991. V.11, p.43. “Esta linguagem prova que mesmo com a evolução da linguagem as bases constitutivas do homem e do mundo são expressas igualmente por diferentes povos e civilizações”.

<sup>26</sup> QUALLS-CORBETT, 2010, p.82-83.

<sup>27</sup> QUALLS-CORBETT, 2010, p.95.

<sup>28</sup> Além do texto de FREUD. 2002, p.93 em que está implícito, a afirmação que ao evitar o orgasmo e a ejaculação, as substâncias sexuais são reabsorvidas pelo organismo, foi reafirmada na FACULDADE UNIDA de VITÓRIA. Curso de Pós-graduação em Psicanálise. Professor: Esp. BAUMEL, Sérgio Werner. Aula 11/06/2011, Vitória, Espírito Santo.

sexuais e esta intoxicação química<sup>29</sup>, biologicamente natural, e através de estados psíquicos adequado, deve despertar um estado de consciência mais elevado no ser humano, que implicaria na sua transformação e ampliação cultural, seja ela, em ciências, artes, místicas, ou qualquer outra forma de expressão da sublimação; jorrando, assim, a água, não para fora, mas, para a vida eterna; promovendo a formação do “homem”, dando ao ser humano o direito à “vida eterna”.<sup>30</sup>

Esta vida eterna, psicanaliticamente falando, pode ser considerada a formação da pessoa que se constrói pelo que ela internaliza de suas criações ou de seus investimentos externos. As realizações objetivas externas com o tempo degradam, mas aquilo que se absorve deste objeto, no interior do indivíduo, é o que forma a pessoa, e mesmo que tais coisas deixe de existir externamente, continua no interior da pessoa. Assim pode-se dizer que o indivíduo basta-se a si mesmo, mas para o outro, o que Jung denomina este estado de individuação, que representaria uma auto-realização mais íntima do ser no indivíduo, o self. Esta condição é muito diferente do individualismo, em que a pessoa se basta em si mesmo e para si mesmo em estado de egoísmo ou narcísico primário.

A própria relação paradoxal da virgem à sexualidade – as virgens vestais<sup>31</sup> – deixa implícita a prática sexual sem o derramamento seminal como se pode observar na citação de Filon indicada na obra “O Mistério da Mulher”:

Convém, pois, que Deus entre em contato com uma natureza incorrupta, intacta e pura, com aquela que é verdadeiramente a Virgem, de maneira muito diferente da nossa. Porque a colaboração dos homens para a procriação de filhos transforma as virgens em mulheres. Mas, quando Deus começa a se associar à alma, Ele a faz retornar ao passado, de tal modo que aquela, que antes era mulher, se torne novamente virgem<sup>32</sup>.

O homem penetra a mulher como fosse ter filho, o que sinaliza a relação sexual; no entanto, para que a mulher retome o estado de virgem é necessário que o homem não chegue ao orgasmo e nem a ejaculação, conservando a santificação dos “templos” – os seus corpos físicos.

---

<sup>29</sup> FREUD. 2002, p.93.

<sup>30</sup> DODD, Charles Harold. *A Interpretação do quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977. p.148 -149.

<sup>31</sup> CHAMPLIN, R. N; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 2006, v.6. p.615 e 668.

<sup>32</sup> PHARDING. M. Esther. *Os mistérios da Mulher antiga e contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1985, p.187.

“[...] Embora isso possa parecer estranho, o fato é que essa prática era bastante comum, e durou até os tempos do novo testamento. E muitas vezes ela foi associada também ao culto de Jeová”.<sup>33</sup>

Conforme o exposto, e já olhando por esta nova ótica, então a luta de Jesus em João 4 e do profeta Oséias não é contra o matrimônio sagrado, mas contra as orgias que surgiam da prostituição sagrada. Em Oséias, isto fica claro quando Deus manda-o procurar uma prostituta cultual para casar-se e converte-la dos seus maus caminhos, e não a uma pessoa comum que normalmente não foi preparada neste ministério e que possivelmente se recusaria a tal “prática renúncia” de adoração a Deus, a qual a prostituta sagrada sabe, no entanto adulterada (Oséias 1:2; 3:2).

Em Oséias 4.14: “Porque eles mesmos com as prostitutas se desviam, e com as meretrizes sacrificam: pois o povo que não tem entendimento será transtornado”, fica claro que a sua luta contra os cultos sacerdotais com as prostitutas sagradas era devido à idéia desvirtuada que o povo tinha; com isso, era confundido, e suas práticas passavam a ter elementos estranhos. Oséias reprovava as ações praticadas nos templos de Israel, mas mostra através de sua ação como eles deveriam proceder. A ação de Oséias é uma apologia à prática do matrimônio sagrado monogâmico. Tanto o livro de Oséias quanto o livro de João fazem referência ao real e ao simbólico, e um explica o outro; Oséias é o indicativo real do simbólico em João.

A água, como símbolo da semente de Deus no homem, o sêmen, pode ser um indicativo estranho ao povo judeu ortodoxo, mas não o era para os judeus-helenistas, um dos povos alvos do Evangelho de João. Para o povo judeu apenas a linguagem poderia parecer estranho (João 3.9), mas não o fim a que ela se destinava, conforme visto na análise de João 4 que referenciava Oséias, onde estava implícito a prática de matrimônio sagrado. O homem que nasce da “água” através do matrimônio sagrado (João 2:1) restaura-se, sobem aos céus – as substâncias sexuais reabsorvidas no organismo humano são conduzidas pela corrente sanguínea<sup>34</sup> ao sistema nervoso central e agem como estimulador a possibilitar toda criação cultural mais elevada do ser humano.

---

<sup>33</sup> COLEMAN, William L. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*. São Paulo: Betânia, 1991. p.113.

<sup>34</sup> Freud. 2002, p.93.

O povo judeu-helenista se usava da prática dum elemento físico para alcançar a subjetividade, neles mesmos. Na continuação do Evangelho, passa a ser estranho ao povo helênico, pois “ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o filho do homem” (João 3:13). Eles conheciam o Cristo do conhecimento subjetivo, dos mundos superiores, que os possibilitavam nas formações filosóficas, mas separados do envolvimento com povo; mas o Cristo doador de vida, encarnado, lhes era estranho, aquele que prova que suas criações foram bem catexadas no interior, que mesmo provado com a presença do diferente, não rui nem desfaz. Talvez tenha sido necessário um terceiro momento daquela “ópera” para eles chegarem a tal compreensão – a morte e ressurreição de Cristo. Para os Judeus, Cristo de fato desceria do céu. O estranho a eles é este Cristo que desce para servir e não para governar como rei sobre as pessoas. A fusão deste entendimento cultural só o cristianismo conseguiu atingir. Ficaram desafiados: os helenistas a descerem para junto do povo; e os judeus a “subirem” aceitando o nascimento da água, na renúncia dos prazeres, através do matrimônio sagrado e aceitando o Cristo sofredor que serve, que é aquele capaz de provocar em si mesmo as mudanças que exige do outro.

### **Referências:**

- DODD, Charles Harold. *A Interpretação do quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1999.
- BERGERET, J. *Psicopatologia, Teoria e Clínica*. R.S: Artmed, 9.ed. 2006.
- HARTMANN, Heinz. *Psicologia do Ego e o problema da Adaptação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968.
- SANFORD, John A. *Destino, Amor e Extase: A Sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FACULDADE UNIDA de VITÓRIA. Curso de Pós-graduação em Psicanálise. Professor: Esp. BAUMEL, Sérgio Werner. Aula 11/06/2011, Vitória, Espírito Santo.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1998.
- QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta Sagrada*. 6. ed. São Paulo: Paulus. 2010.
- COLEMAN, William L. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*. São Paulo: Betânia, 1991.

CHAMPLIN, R. N; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 2006.

SANFORD, John A. *Destino, Amor e Êxtase: A Sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*. São Paulo: Paulus, 1999

PHARDING. M. Esther. *Os mistérios da Mulher antiga e contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1985.

FREUD, Sigmund. *História do Movimento Psicanalítico, e artigos sobre a Metapsicologia*. Rio de Janeiro: Imago, v.14. 1974.

FREUD, Sigmund. *Os Três Ensaio sobre a Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Vozes, 14.ed. 2002.